

GRANDIS, Rita de. *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria: la práctica polémica de José Pablo Feinmann*. Buenos Aires: Biblos, 2007.

Silvia Cárcamo (UFRJ)

Em *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria: la práctica polémica de José Pablo Feinmann*, Rita de Grandis incursiona em importantes zonas pouco estudadas do campo intelectual argentino com o propósito de interpretar aspectos essenciais dos processos culturais das últimas décadas. A conexão dos dois sintagmas do título (“reciclaje cultural” e “memoria revolucionaria”) expressa acertadamente o desafio assumido pela autora: pensar como fenômenos simultâneos a reciclagem cultural, um novo modo de “transmissão e produção cultural” e a memória revolucionária, através da análise da obra e da atuação de José Pablo Feinmann (1943), um dos intelectuais mais polêmicos do país. Essa articulação, que implica relacionar cultura e política, alta literatura e cultura de massa, constitui o ponto de partida da problematização do campo intelectual argentino.

A escolha de um autor cuja obra literária, jornalística, de divulgação filosófica e de cinema tem vigência durante um longo período de tempo, de um escritor que é consagrado pelo público leitor sem, no entanto, pertencer ao cânon, merece por parte de Rita De Grandis uma justificativa: “é um intelectual da nova esfera pública que combina política e literatura; um profissional colaborador do jornalismo da era democrática que se formou e emergiu daquelas culturas políticas e ideológicas dos anos 70 e que conscientemente fazem das mesmas um programa de ação moral e intelectual” (p. 18). A descrição e a interpretação do encontro da cultura com a política no processo histórico concreto e não como especulação teórica levaram a autora a indagar acerca do fenômeno mais singular e mais debatido da política argentina contemporânea: o peronismo. De Ernesto Laclau provém a idéia de considerar o populismo principalmente nos seus aspectos formais do que nos ideológicos para encontrar esses aspectos nos traços da escritura de Feinmann. O “populismo estético”, a noção de Fredric Jameson, que vem a complementar a teoria de Laclau, permite-lhe visualizar o apagamento, ao menos nas intenções, das fronteiras entre a cultura de elite e a de massa ou comercial que o crítico norte-americano observa na pós-modernidade e *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria* estuda na obra de Feinmann.

Sem dúvida, Feinmann convoca à reflexão sobre fenômenos atuais, cujo estudo requeria uma noção de cultura adequada a tal propósito. Em primeiro lugar, era obrigatório tomar distância do binarismo cultura de elite/cultura de massa, e pensar, a partir da orientação aberta por W. Benjamin, que “as mudanças técnicas no âmbito da cultura têm o seu correlato nas transfor-

mações sensoriais, nos modos de perceber e experimentar a realidade social” (p. 172). Por outra parte, fazia-se preciso não apenas considerar a obra (os ensaios, os romances, as crônicas de Feinmann) mas também todos os componentes que configuram os complexos circuitos da cultura, e, dentre esses componentes, o leitor. É interessante salientar que *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria* repara no modo como Feinmann inscreve nos seus textos a figura do público jovem que lê as suas crônicas e os seus ensaios. Segundo sugere Rita De Grandis, aquele que foi um jovem peronista (Feinmann), que acreditou na revolução nos anos 70, assume no período pós-ditatorial, como se ele se reciclasse a si próprio, a missão de dialogar com as novas gerações que herdaram os traumas do passado sem haver sido, no entanto, protagonistas da história dos fracassos acontecidos nas últimas décadas.

O período que se seguiu à ditadura militar coincidiu com o reordenamento cultural sob a hegemonia da cultura de massa audiovisual e com a derrota dos projetos revolucionários; Rita de Grandis leva em conta esse quadro em *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria*. Parece-nos exemplar da sua proposta crítica o capítulo IV em que é analisado o roteiro escrito por Feinmann para o filme *Eva Perón*. Mito na vida política, símbolo re-significado constantemente desde a sua morte ocorrida em 1952, Eva Perón é também um dos mitos mais produtivos da literatura argentina contemporânea. Examinando essa tradição, Rita salienta a singularidade da Eva de Feinmann, que recicla as elaborações anteriores do mito “sem abandonar a natureza política de Eva que, como o grande intertexto dos mitos sociais e culturais argentinos, continua interpelando o presente no contexto dos novos conflitos e movimentos sociais” (206).

Estimamos que o estudo da ensaística de Feinmann representa outra contribuição valiosa do livro. Ao mesmo tempo que enriquece o conhecimento do gênero na Argentina, mostra outros modos de “reciclagem cultural”. Para interpretar os grandes ensaios do autor (*Filosofia y nación* e *La sangre derramada*), Rita De Grandis os situa na trajetória de textos nacionalistas de décadas anteriores, recuperando autores cujo estudo foi negligenciado pela crítica do ensaio argentino apesar do interesse que o gênero suscitou nos últimos anos. A autora resgata, por exemplo, os livros de orientação nacionalista e antiimperialista de Arturo Jauretche (1901-1974) como antecedente do tipo de ensaio polêmico e de intervenção pública de Feinmann. Ernesto Laclau escreveu no seu comentário de contracapa de *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria* que “seu minucioso detalhe, e ao mesmo tempo a sua compreensão das grandes linhas evolutivas do período, fazem desta obra uma referência obrigatória da história intelectual do novo *fin de siècle*”. A identificação dessas grandes linhas às que se refere Laclau requeria a ampliação do arquivo

para encontrar nas zonas cinzas da cultura as chaves de compreensão do presente. O ensaio nacionalista, re-significado através de Feinmann, projeta a sua luz sobre o debate atual da questão nacional no contexto da globalização e dos nacionalismos em épocas de políticas neoliberais. O ensaio de Feinmann também é a ocasião não só para estudar as operações comprometidas nas migrações da alta cultura à cultura de massa na atualidade, mas também para examinar os procedimentos de reciclagem cultural. Quase ao final do Capítulo I, dedicado ao ensaio, Rita De Grandis apresenta o que é, no nosso critério, uma síntese da sua perspectiva teórica e de seu modo de análise. Com a intenção de explicar a utilização da sociologia, da filosofia ou da história nos textos de Feinmann, a autora assinala que “(Feinmann) submete estes materiais a um processo de neutralização da sua especificidade material e formal, criando uma massa cultural de resíduos arcaicos, novos e emergentes que circulam e re-circulam, favorecendo uma concepção de referente como um significante saturado de representações. Nesse risco da re-utilização, Feinmann reforça ou privilegia a estrutura binária própria do gênero melodramático que, incorporado ao ensaio, fala dos usos e dos abusos da literatura dentro da cultura geral dos meios” (p. 85). Cremos que esse fragmento evidencia a pertinência da “reciclagem cultural” de Walter Moser como uma das noções de base para o estudo de Feinmann; no caso do ensaio, permite compreender a presença da filosofia e de saberes sofisticados num autor que transita tão comodamente pela cultura de massa.

Ao se debruçar sobre o passado com as preocupações do presente, essa pesquisa não poderia ter sido divulgada em momento mais adequado. Na Argentina atual, a revisão do passado, alentada inclusive pelo próprio Estado, através da sua política da memória e de crítica aos projetos neoliberais da década menemista, coincide com o crescente interesse por questões vinculadas às identidades culturais que colocam na agenda de discussão assuntos da atualidade: globalização e migrações, império da cultura audio-visual e política como espetáculo, desmobilização e novas maneiras de reagrupamentos identitários.

O livro de Rita de Grandis é um exemplo do bom aproveitamento dos estudos culturais por parte da crítica literária. Como é notório, a perspectiva e as preocupações dos estudos culturais foram penetrando nos estudos literários durante as últimas décadas, em parte porque, para usar as palavras de Beatriz Sarlo, ninguém poderia negar que “o lugar dos discursos, seu uso e a sua produção estão mudando. E, entre os discursos, o lugar da literatura”. Poderíamos dizer que *Reciclaje cultural y memoria revolucionaria* é tributária das visões introduzidas pelas pesquisas das últimas décadas sobre as culturas populares e as suas transformações na modernidade e na pós-modernidade (Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero), mas é evidente

também a marca da tradição crítica literária (Ángel Rama, Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar) que vinculou literatura e vida social, literatura escrita e produções orais, as esferas do culto e do popular na América Latina.

Acreditamos que a obra representa, por outra parte, uma síntese de tradições acadêmicas. Sua autora, argentina por origem e formação, pertence há trinta anos à academia canadense, tendo-se destacado nos estudos literários e culturais como professora e pesquisadora na UBC de Vancouver, Canadá. No Brasil, foi responsável junto com Zilá Bern pelo livro *Imprevisíveis Américas. Questões de hibridação cultural nas Américas*, publicado em 1995 em português.

Embora *Reciclaje cultural e memoria revolucionaria* tenha sido escrito para ser publicado na Argentina, as notas destinadas a esclarecer dados específicos da cultura local indicam que a autora previu também um leitor estrangeiro para o seu livro. Certamente, ele pode interessar não só para entender as transformações do campo intelectual argentino dos últimos anos, mas também como um modelo de análise que, circunscrito a uma cultura nacional e a um autor, é capaz de enxergar as grandes questões da cultura contemporânea a partir de um horizonte teórico e uma experiência latino-americana.